



Uma viagem ao mundo dos seringueiros

TEXT UND FOTOS: GLEICE MERE

Quantos dias de espera, informações truncadas e todas as dificuldades possíveis para poder-se chegar à Reserva Extrativista Chico Mendes, região onde vivem várias famílias de seringueiros (extrativistas do látex). Até mesmo a paciência de quem já passou setenta dias no Sertão – região do Nordeste brasileiro castigada pela seca e pela corrupção – foi pouca para compreender a lógica do povo amazônico. O que não pôde ser resolvido hoje fica para ser resolvido amanhã e, se não der, para depois de amanhã. Apesar da visão “antropológica” com a qual tentava tratar o assunto, confesso que estive quase à beira de um ataque de nervos para conseguir chegar a meu destino. Convencer as pessoas na Amazônia de uma idéia demanda tempo, argumentações repetitivas e intermináveis. Imagino que essa lógica do modo de viver do povo amazônico venha da cultura indígena. Quando numa família de índios há divergências, todos os seus membros reúnem-se para tratar as diferenças e só terminam a conferência quando todos chegam a um consenso, o que pode levar dias.

O barro vermelho, os mosquitos, o calor úmido, as distâncias vencidas através de barcos ou aviões monomotores são rotina. A floresta parece ser um continente próprio, com regras particulares e uma noção de tempo não comparável aos costumes urbanos. Solidariedade e cooperação são necessários para a sobrevivência. Os caminhos confusos dos igarapés e as trilhas na mata, incompreensíveis para os visitantes, fazem parte da vida dos índios, caboclos – descendentes de índios e brancos – e também dos seringueiros. Essas pessoas são os povos da floresta, que somente no século XXI começam a ser vistos pela política brasileira.

O desenvolvimento do conceito de florestania, direitos para os cidadãos da floresta, era defendido pelo ativista ambiental Chico Mendes. O seringueiro e sindicalista foi assassinado por fazendeiros em 22 de dezembro de 1988, por ser a primeira pessoa a lutar e alcançar reconhecimento pela conscientização da defesa dos interesses desses habitantes, que há séculos convivem pacificamente com a floresta Amazônica. Na

década de 80, muitos deles foram expulsos de suas terras, cederam lugar às pastagens, à pecuária.

A extração do látex é uma atividade extrativista que tornou-se comercial e em grande escala por volta de 1880. A intensa fase de produção durou até 1910. O centro exportador mais importante foi a cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas.

Região Amazônica

Devido a suas proporções gigantescas e a razões históricas, a região Amazônica, no Brasil, está dividida em sete estados: Pará, Amazonas, Tocantins, Amapá, Roraima, Rondônia e Acre. A cidade mais conhecida internacionalmente é a capital do estado do Amazonas, cujo nome – Manaus – é originário da língua nativa dos índios manaós e significa „Mãe de Deus“. A capital abrigou os chamados Senhores da Borracha. No período de prosperidade, devido à comercialização do látex, os brasileiros dessa cidade encomendaram aos ingleses a construção de um sistema de água e esgoto, de uma rede de luz elétrica e de uma estrutura de transporte com bondes elétricos. Também o porto para exportação foi uma obra dessa época, e até mesmo uma ópera, inaugurada em 1896, foi erguida. Toda essa estrutura inexistia em outras cidades do país. Muitos comerciantes de Manaus enviavam seus filhos para estudar na Europa e chamavam sua cidade de Paris dos Trópicos.

Manaus tornou-se o centro comercial na Amazônia devido a seu porto de exportação. Nessa cidade viviam as famílias abastadas que tinham negócios

nos seringais. Os habitantes dos demais estados amazônicos pouco foram beneficiados por esse dinheiro. As cidades localizadas em outras partes da Amazônia eram construídas com madeira, sendo os prédios mais bonitos as casas dos donos do seringal (área de exploração do látex na floresta, extraído da seringueira – a *Hevea brasiliensis*). Esses permaneciam nessas habitações temporárias quando saíam da capital para receber a produção da borracha. Em consequência, a frágil arquitetura dessas cidades foi destruída com o tempo e, hoje, não há muito o que se admirar do glamour dos tempos da borracha. O declínio desse comércio no Brasil foi ocasionado pela concorrência das plantações de Hevea na Malásia, país que passou a cultivar a seringueira e a extrair o látex de uma forma mais barata e viável que o extrativismo amazônico.

A nossa viagem começa a muitos quilômetros de distância de Manaus, em Rio Branco, capital do Acre, estado que faz fronteira do Brasil com a Bolívia e o Peru. Rio Branco é uma cidade provinciana, mas que tem 250 mil habitantes, ou seja, quase a metade da população de todo o estado. O Rio Acre atravessa a cidade com sua água amarelada. Durante os meses de julho, agosto e setembro, parece estar morto e quase não se pode navegar por seu leito. Quando escolhi visitar os seringueiros dessa região, pensei que poderia encontrar rios caudalosos, em que navegaria a bordo das populares embarcações juntamente com os caboclos, que passariam vários dias nos barcos até alcançarem seu destino. Este era, para mim, um





quadro típico extraído das impressões dos artigos nos jornais e das imagens na televisão sobre a Amazônia. Tinha imaginado que em todo lugar haveria uma arquitetura do começo do século, como a de Manaus e de Belém do Pará, mesmo que estivesse em ruínas. Rio Branco é tudo o que não esperava: uma cidade sem brilho ou exotismos. As antigas casas de madeira dos donos de seringal deram lugar a prédios de concreto cinzentos. Os mercados locais não são enfeitados por cores vivas ou produtos exóticos. Tudo parece meio monótono, sem entusiasmo, como a vida dos nordestinos, que fugindo da seca do Nordeste brasileiro, migraram para lá, em busca de riqueza, e tornaram-se prisioneiros dos seringais e da floresta.

Reserva Extrativista Chico Mendes

Durante 45 dias estive nesse cenário de surpresas e descobertas. Meu último objetivo era visitar a Reserva Extrativista Chico Mendes, localizada a 150 Km de Rio Branco e administrada por três municípios: Xapuri, Brasiléia e Assis Brasil. A reserva extrativista é uma forma de proteção dos povos da floresta, neste caso os seringueiros. As famílias que vivem nessas áreas protegidas podem extrair e vender seus produtos. Em pequenas proporções, podem cultivar plantações. Seus descendentes têm o direito de continuar a viver na terra, mas sem que destruam a mata ou vendam madeira ou plantas. A sua presença assegura a proteção da floresta e também permite um controle de informação sobre explorações indevidas, como por exemplo, a biopirataria. O princípio da reserva extrativista faz parte do conceito de florestania defendido por Chico Mendes: as pessoas têm seus direitos assegurados como cidadãos, são protegidos por lei e preservam a floresta.

Uma das portas de entrada para a reserva é o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que representa os seringueiros. Estive em contato com o presidente do sindicato de Brasiléia, que me havia assegurado poder visitar os seringueiros de sua região. Ao chegar em Brasiléia, tive a sensação de haver chegado ao fim do mundo. Era noite e consegui o último quarto de hotel disponível na cidade. O cheiro de mofo, as paredes sem janelas, o cansaço das viagens pelos rios secos e as argumentações intermináveis me fizeram desfalecer aos poucos. Tinha a esperança de que, em

apenas mais um dia de viagem, poderia chegar à família de seringueiros. O café da manhã solitário, a conversa com o presidente do sindicato, que me encaminharam posteriormente para o Sr. José Antônio, secretário geral da Associação dos Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes – Brasiléia (AmoreB): tudo me pareceu complexo e burocrático. Até hoje, depois de tantos meses após a minha viagem, ainda não consegui compreender todas as formas de organização social e políticas dos seringueiros. Devido às distâncias, às vezes até de 80 horas de caminhada pela floresta, cada região desenvolve uma subassociação com representantes que se encontram em reuniões regionais. A finalidade dessa organização é que se cheguem a propostas comuns, para que se possam tomar decisões centralizadas, de interesse de todos. A floresta é mesmo um continente.

A cada minuto via minha paciência desgastada, a compreensão „antropológica“ para o entendimento desse sistema burocrático-social havia chegado ao fim. O Sr. José Antônio, bastante atencioso, perguntou-me se eu tinha uma autorização do IBAMA (órgão do governo federal que cuida da proteção ambiental no Brasil) para que pudesse entrar na reserva extrativista. Depois de um mês de negociações e uma noite miserável em um quarto de hotel no fim do mundo, descobri que seria obrigada a voltar para Rio Branco para buscar a autorização. Tudo isso para resolver um trâmite burocrático que poderia ter sido resolvido há dias, através de uma simples informação do presidente do sindicato. Esse exemplo ilustra como o modo de viver do povo da Amazônia não se adaptaria aos relógios da cidade. O tempo se diluiu numa concepção infinita e as soluções dos problemas, que poderiam levar apenas um dia, acabam



sendo proteladas por semanas, como ocorreu no meu caso e no de outros visitantes desse continente. Não se podem entender as regras dessa civilização que sofre com as agruras da floresta. Por um lado, a uma burocracia centralizada parece necessária para a sobrevivência da floresta, mas, por outro, tornou-se incompatível com a velocidade do mundo moderno.

A Princesinha do Acre e sua história

De volta a Rio Branco, recusei-me a retornar para Brasiléia. Os representantes do IBAMA não colocaram impedimentos à minha visita à reserva extrativista e, gentilmente, organizaram um contato em Xapuri. Com isso, finalmente pude seguir viagem ao mundo dos seringueiros. Xapuri é a cidade onde Chico Mendes morava e também o local em que foi assassinado. Alguns a chamam de a Princesinha do Acre, por ser a única cidade do estado a ter conservado algumas construções antigas, como a igreja, o antigo colégio interno, a prefeitura, além de ter preservado suas ruas calçadas com pedras e alguns casarões de madeira, que remotam um pouco aos áureos tempos do comércio do látex. ▶





Numa ruazinha discreta se encontra a pequena casa de madeira onde morou Chico Mendes. No teto estão penduradas tabuletas com frases de sua autoria. Em uma delas, perto da parede manchada de sangue, estão grafadas suas últimas palavras: „Eles me acertaram“. Uma de suas lutas que motivaram seu assassinato foi a defesa dos empates, ou seja, a ocupação pacífica de áreas que deveriam ser desmatadas. Os seringueiros cercavam os trabalhadores encarregados do desmatamento e forçavam o líder do grupo a assinar um documento que suspendia o trabalho. Somente entre 1978 e 1991 foram destruídos no Acre 8200km² de floresta.

O Rio Acre, com suas águas barrentas, passa por Xapuri e chega a Rio Branco. Entre as duas cidades está a Reserva Chico Mendes. Sr. Abidon, presidente da AmoreX (mesmo nome e função da AmoreB porém, como fica na região de Xapuri, termina com X – nunca pensei que a floresta tivesse tantas definições silábicas), explica que hoje há uma subvenção governamental para sustentar o preço mínimo da borracha e incentivar o extrativismo. Lentamente os seringueiros vão conseguindo o apoio necessário para poder sobreviver da floresta. „Nós não gostamos de viver na cidade“, diz Sr. Abidon. Em Xapuri, a multinacional Pirelli garante a compra da produção de látex da cooperativa local, com que produz o pneu Xapuri.

No dia da partida, o céu estava nublado. Providenciamos todo o necessário para a viagem: o combustível, o barqueiro e um pouco de comida, como arroz, feijão, farinha, açúcar e café. No trajeto, a chuva e o vento aumentavam meu cansaço. Depois de três horas de viagem de barco, chegamos à casa da família do senhor Manoel e dona Socorro, que, mesmo sem estarem avisados de minha chegada, receberam-me com muita alegria. A casa de madeira suspensa, devido à umidade do solo, fica à beira do Rio Acre. A sala-de-estar era uma varanda, aberta. Ao entrar na casa, tirei os sapatos molhados e sujos do barro vermelho. Que sensação agradável poder sentir sob os pés o calor da madeira seca, porém toda a roupa molhada aumentava o meu desconforto. Depois de trocar a roupa, pude perceber que a sala-de-estar tinha muito espaço sem móveis, mas estava enfeitada com troféus dos campeonatos de futebol locais. O futebol continua a ser o esporte

favorito dos brasileiros. Dona Socorro serviu-me café e disse que me sentisse como se eu estivesse em casa. Tirei a rede da bagagem, meu leito portátil, essencial em regiões afastadas como aquela. Sr. Manoel ajudou-me a armá-la na sala-de-estar, onde também coloquei o resto da bagagem. Fomos dormir cedo, como é de costume em lugares como aquele, sem energia elétrica.

O cotidiano do seringueiro

No seringal, o dia começa cedo, os seringueiros levantam-se no escuro da madrugada. Alguns ainda utilizam a Poronga, uma espécie de lâmparina fixada na cabeça para iluminar o caminho. Ela não se apaga com o vento e não ocupa as mãos, livres para levar as ferramentas e uma espingarda. „É para defender contra as onças“, conta Antônio, filho do Sr. Manoel, que explica: „Cada família de seringueiros tem o que chamam de estradas de seringa, uma rota fixa entre as seringueiras da floresta. Para o negócio valer a pena, cada família tem que ter pelo menos 450 árvores, pois o corte só pode ser feito a cada duas semanas, senão a seringueira morre“. Em cada tronco são feitos dois cortes, um à direita, outro à esquerda. O látex começa a escoar imediatamente e é aparado em pequenas latas fixadas no tronco da seringueira, que, depois de mais ou menos quatro horas, são recolhidas. O líquido branco é colocado em um balde, trazido à casa, onde é colocado em formas retangulares, que recebem alguns mililitros de um outro tipo de seiva, para acarretar a coagulação. Ao secar, a borracha é transportada para Xapuri, onde é comprada pela cooperativa e vendida para a Pirelli. Mas esse é um método moderno. Antigamente, o processo consistia em defumar o látex, técnica através da qual se regava a borracha líquida sobre uma haste de madeira que era girada sobre

a fumaça, até formar-se uma grande bola de borracha. Depois, essa bola de borracha era transportada através dos rios ou rolada através da floresta.

Hoje são poucos os seringueiros a dominar a técnica da defumação, a não ser pessoas como Sr. José Aragão, que fabrica utensílios de borracha natural, como bolsas e sapatos para vender na cidade. Uma nova descoberta comercial é o que chamam de couro vegetal, hoje utilizado na fabricação de bolsas e roupas. O látex é defumado sobre tecido de algodão e é vendido através de algumas ONGs (Organização Não Governamental) como produto de selo verde, por ser produzido pelos seringueiros para aumentar a renda familiar, sem prejudicar seu modo de vida.

Em casa do Sr. Manoel e de Dona Socorro, a vida transcorre tranqüilamente. As filhas Giumária e Joanilde brincam com a boneca de cabelo azul e com o cachorro em torno da casa suspensa. O filho mais velho, depois de cortar as seringueiras, sai para a escola, em Xapuri. Sr. Manoel começa a trabalhar no roçado para complementar a renda familiar, que não seria suficiente somente com a venda da borracha. Com seu grande facão amolado, Dona Socorro quebra as Castanhas do Brasil para fazer bolo de macacheira. As castanhas também são produtos vendidos para a cooperativa da reserva em Xapuri. Enquanto ela prepara o bolo, assado em folha de bananeira, passa o pequeno barco do Sr. João, carregado de pequenas mercadorias, como o cravo de que Dona Socorro precisa para seus quitutes. Como pagamento, Sr. João leva em troca algumas galinhas. A vida que Chico Mendes sonhou para sua gente ainda está longe de ser perfeita mas, aos poucos, vai-se tornando realidade: longe dos grileiros de terra, dos jagunços, dos tratores que derrubam a mata, rumo a um futuro mais humano. ■

